



# O DESAFIO QUE PROVEM DA LEITURA POPULAR DA BÍBLIA<sup>1</sup>

FREI CARLOS MESTERS, OC

## INTRODUÇÃO

O objetivo de nosso encontro é este: captar as constantes da leitura bíblica no Carmelo, ontem e hoje, para assim podermos iluminar nosso serviço evangelizador ao povo aqui, na América Latina. O objetivo não é refletir sobre o que se fez no passado, mas estudar o passado, confrontando-o com o que fazemos hoje. Trata-se de uma espécie de diálogo entre nós, carmelitas de hoje, e os de antes, para verificar e revisar nossa fidelidade.

Em vista disso, vamos desenvolver dois capítulos. O primeiro: como a Regra lê a Bíblia e o que ela nos ensina sobre a leitura bíblica; como a Regra se situa na tradição da Igreja; qual método ela usa na leitura que faz da Bíblia e qual método tenta transmitir aos novos carmelitas em sua maneira de ver e ler a Palavra de Deus. Este primeiro capítulo nos mostrará que a Regra do Carmo, muito mais do que se imagina, estava integrada na vida da Igreja, que se renovava naquela época, e estava integrada na grande tradição que, por meio da própria Regra, começava a ser colocada a serviço dos menores, dos "pobres".

No segundo capítulo, vamos refletir sobre o que nós, carmelitas, possuidores dessa Regra de vida, podemos aprender da leitura popular da Bíblia. Quer dizer: como os pobres podem ajudar-nos em nossa tarefa de "MEDITAR DIA E NOITE NA LEI DO SENHOR". Veremos como a leitura popular da Bíblia faz exatamente o que a Regra prescreve, a saber, que "Tudo seja feito na palavra do Senhor" (cap. XIV).

Veremos, ainda de que modo a Bíblia é luz, força e autoridade para os pobres; qual método eles usam; quais perigos e limites a leitura popular encerra e qual modo é a novidade e o alcance da leitura popular para nós

## CAPÍTULO 1

### A REGRA DO CARMO LÊ A BÍBLIA

#### *O quadro de referência da leitura da Bíblia no Carmelo*

Há três coisas a ser vistas e analisadas brevemente. Primeiro, fazer um levantamento dos lugares onde a Regra recomenda a leitura da Bíblia. Segundo, ver de perto as recomendações da Regra sobre a leitura da Bíblia e o método que sugere. Terceiro, observar a maneira como a Regra lê a Bíblia, ou seja, ver como ela pratica o que ensina.

---

<sup>1</sup> MESTERS, Frei Carlos. **O desafio que provém da leitura popular da Bíblia**. São Paulo: Loyola, 1998. (In: Coleção temas de Espiritualidade nº 30. Como os Carmelitas leem a Bíblia.)



## 1. LEVANTAMENTO DOS LUGARES ONDE A REGRA RECOMENDA A LEITURA DA BÍBLIA

Direta ou indiretamente, a Regra tão curta de Santo Alberto recomenda, por nove vezes, a leitura da Bíblia:

1. **Capítulo IV:** Ouvir a Sagrada Escritura durante as refeições: "O alimento que recebemos deverá ser compartilhado numa refeição comum, ouvindo alguma leitura da Sagrada Escritura, onde isso puder ser observado comodamente".
2. **Capítulo VII:** Meditar dia e noite a Lei do Senhor: "Cada um permaneça em sua cela ou perto dela, meditando dia e noite na Lei do Senhor e mantendo o espírito alerta por meio de orações, a não ser que esteja ocupado em outros justos afazeres".
3. **Capítulo VIII:** Rezar os Salmos (horas canônicas): "Os que sabem rezar as horas canônicas com os clérigos as recitarão conforme as instruções dos Santos Padres e o costume aprovado pela Igreja".
4. **Capítulo X:** Participar diariamente da Eucaristia: "A capela deverá ser construída no meio das celas. Nela, todos os dias pela manhã, os frades deverão reunir-se para participar da solene celebração eucarística, onde isso não for muito incômodo".
5. **Capítulo XIV:** Ter pensamento santo (fruto da leitura orante): "O peito deve estar protegido por santos pensamentos, pois está escrito: O pensamento santo te protegerá".
6. **Capítulo XIV:** A Palavra deve habitar na boca e no coração: "Na boca e no coração tenham sempre a espada do espírito que é a Palavra de Deus".
7. **Capítulo XIV:** Agir sempre de acordo com a Palavra de Deus: "Tudo que deve ser lido, seja feito na Palavra do Senhor".
8. **Capítulo XV:** Ler com frequência as cartas de Paulo. "Vocês devem seguir o ensinamento e o exemplo do apóstolo são Paulo, pois, por sua boca, Cristo nos fala, e ele nos foi dado por Deus como pregador e doutor dos gentios na fé e na verdade. Se seguirem a ele, não poderão errar".
9. **Capítulo XVII:** Colocar em prática o que Cristo diz no Evangelho. "*Você, irmão B., e todo aquele que depois de você vier a ser prior, tenha sempre em mente e ponha em prática o que o Senhor diz no Evangelho.*"



## 2. O QUE E COMO A REGRA RECOMENDA SOBRE A LEITURA ORANTE DA BÍBLIA

Não é aqui o lugar de aprofundar todo o alcance dessas recomendações. Duas coisas merecem nossa atenção: 1) A porta pela qual a Regra introduz a Palavra de Deus para dentro da vida dos carmelitas; 2) O método tradicional da *Lectio Divina* que ela sugere.

### 1 - A porta

A Regra abre três portas pelas quais a Palavra de Deus deve entrar na vida dos carmelitas:

#### 1. A porta da leitura pessoal

Meditação na cela (VII), ruminção da Palavra que desce da boca para o coração (XIV), produz pensamento santo (XIV) e leva a agir em tudo conforme a Palavra de Deus (XIV).

#### 2. A porta da leitura comunitária

Ouvir juntos a Palavra no refeitório, durante as refeições (IV), e na capela durante a celebração da Eucaristia (X). Não se sabe se naquele remoto início no monte Carmelo o Ofício Divino já era comunitário (VIII).

#### 3. A porta da leitura eclesial

Rezar os salmos de acordo com o costume aprovado pela Igreja (VIII); procurar estar conforme à tradição dos Santos Padres (Prólogo); ter presente o ideal da *Igreja dos primeiros apóstolos*, descrito nos Atos dos Apóstolos (VII-XI).

### 2. O método

Nas recomendações da Regra transparece a pedagogia que os carmelitas usavam para apreender e assimilar a Palavra de Deus em suas vidas. Nela reconhecemos os quatro degraus da *Lectio Divina* tal como esta foi sistematizada no século XI pelo monge Guigo em seu livro *A escada dos monges*. Na Regra, esses quatro degraus não existem separados, mas formam uma indivisível unidade.

**1. *Lectio*.** Antes de mais nada, a Palavra deve ser ouvida ou lida: tanto em comum, no refeitório (IV), na Eucaristia (X), no Ofício Divino (VIII), como em particular, na cela (VII).



**2 - *Meditatio*.** Em seguida, a Palavra lida e ouvida deve ser meditada e ruminada. Essa meditação deve ser feita dia e noite, sem cessar, sobretudo na cela (VII). Por meio dessa meditação (ruminação), a Palavra desce da boca para o coração (XIV) e produz pensamentos santos (XIV).

**3. *Oratio*.** A Palavra, uma vez ouvida e meditada, deve ser envolvida pela oração, deve tornar-se oração: tanto no Ofício Divino (VIII) e na Eucaristia (X), como na cela, onde o carmelita deve vigiar em orações, dia e noite (VII).

**4. *Contemplado*.** Esta leitura produz o seguinte resultado: a Palavra de Deus invade o pensamento (XIV), o coração (XIV) e a ação e, assim, tudo será feito na Palavra do Senhor (XIV).

### **3. A MANEIRA COMO A REGRA USA E LÊ A BÍBLIA**

A Regra do Carmo recomenda não só a leitura da Bíblia, mas também a prática, e dela é o resultado. Ou seja, a Regra é, ao mesmo tempo, fonte e fruto da *Lectio Divina*. É o que nos mostra a maneira como ela usa e lê a Bíblia.

Quando dizemos "autor", pensamos tanto em santo Alberto como nos primeiros carmelitas. Foi Alberto que assinou a Regra e assumiu sua autoria. Mas o próprio texto se refere ao "propositum", apresentado ao patriarca pelos carmelitas. Isto é, no uso que a Regra faz da Bíblia transparece o modo como nossos primeiros irmãos carmelitas liam a Bíblia. Destacamos cinco pontos:

#### **1 - Familiaridade, liberdade, fidelidade**

O autor da Regra conhecia a Bíblia de memória e a assimilou em sua vida a ponto de já não distinguir entre suas próprias palavras e as da Sagrada Escritura. Ele exprime seu pensamento com frases tiradas dela. É difícil saber exatamente quantas vezes a Regra usa a Bíblia para descrever a *vitae formula* dos primeiros carmelitas. Alguns acham que é mais de cem vezes! O autor a usa sem citar, cita sem verificar, junta e separa as frases como e quando quer, muda e adapta conforme lhe parece útil, como se fosse sua própria palavra. Esta maneira de usar a Bíblia é fruto de longa e assídua leitura, marcada pela familiaridade, liberdade e fidelidade.

#### **2. Continuação atualizada do Novo Testamento**

A Regra de santo Alberto se apresenta como uma norma de vida em continuidade com a Bíblia, sobretudo com o Novo Testamento. É como se fosse uma nova carta paulina ao lado das outras cartas que Paulo escreveu para as comunidades. Como se fosse uma releitura da Carta aos Hebreus.

#### **3. As figuras bíblicas de Elias e Maria**



Embora, no capítulo 15, ela manifeste certa preferência pelas cartas do apóstolo Paulo, a Regra do Carmo usa, cita e evoca, sem distinção, tanto o Antigo como o Novo Testamento. A recomendação explícita de ler as cartas de Paulo não chegou a marcar a espiritualidade da família carmelitana. Sua espiritualidade continuou centrada nas figuras de Elias e Maria, ambas da Bíblia, unindo o Antigo e o Novo Testamento, o masculino e o feminino.

#### **4. Viver em obséquo de Jesus Cristo**

O objetivo a partir do qual e em função do qual a Regra usa e lê a Bíblia é a preocupação de viver em obséquo de Jesus Cristo, expressa no Prólogo. O seguimento de Jesus é o parâmetro. Ele aparece no começo, no prólogo e nos dois últimos capítulos em que pede ao prior que ponha em prática o que Cristo falou no Evangelho (XVII), e pede aos súditos que vejam o Cristo na pessoa do superior (XVIII).

#### **5. Fiel à Tradição**

A *lectio divina* marcava o início da vida dos primeiros carmelitas, não apenas como um exercício ascético de leitura, mas como uma atitude de vida pela qual aqueles monges se situavam no grande rio da Tradição.

A Regra se apresenta como uma norma de vida que prolonga a própria Bíblia e tenta sistematizar o ensinamento dos Santos Padres (Prólogo). Ela pede que a leitura seja feita de acordo com as instituições dos Santos Padres e os costumes aprovados pela Igreja (VIII), pela tradição litúrgica (X) e pela prática secular da *lectio divina*.

Além disso, os estudos feitos mostraram que os primeiros carmelitas procuravam assumir em sua vida o ideal de renovação da Igreja da época. O quadro de referência ou esquema de fundo que subjaz à parte central da Regra (VII-XI) reproduz e atualiza o modelo da comunidade dos Atos. Esse era o modelo que na época orientava e animava as comunidades que procuravam renovar-se. Chegando à Europa, fiéis a sua inspiração original, os carmelitas não assumiram a forma antiga da vida monacal, mas a vida mendicante. Essa nova forma de vida se reflete na redação final da Regra, aprovada por Inocêncio IV em 1247.

Concluindo: o ensinamento que a Regra nos dá não está só naquilo que ela ensina sobre a leitura da Bíblia, mas também na maneira como ela mesma usa a Bíblia. Ela soube encarnar a Palavra de Deus a ponto de assumi-la como sua. Parafrazeando a expressão do apóstolo Paulo (Gl 2,20), os primeiros carmelitas poderiam dizer: "Nós falamos pela Regra a vocês, mas já não somos nós, é a Palavra de Deus que fala por nós!"

Este é o quadro de referências, o parâmetro no qual a Regra de santo Alberto apresenta e ensina a leitura orante da Bíblia para a família carmelitana. Em cada um dos capítulos que segue, será acentuado algum aspecto da *lectio divina*, para que



apareça todo o seu alcance para nós hoje e nos mostre como "meditar dia e noite na Lei do Senhor".

## CAPÍTULO 2

### OS POBRES LÊEM A BÍBLIA

*"Ouvir o que o Espírito diz às Igrejas"*

#### 1 . "TUDO SEJA FEITO NA PALAVRA DE DEUS!" (XIV)

A grande novidade eclesial deste fim de milênio é o reencontro dos pobres com a Palavra de Deus. Ninguém sabe explicar direito como aconteceu. De repente, da década de 1960 para cá, cresceu o interesse dos pobres pela Bíblia como nunca antes em toda a história da América Latina. Se alguém, quarenta anos atrás, tivesse feito uma profecia e apresentado uma descrição minuciosa da leitura que o povo das comunidades eclesiais de base hoje faz da Sagrada Escritura, ninguém teria acreditado!

A Bíblia está sendo usada para tudo: orações e preces, cursos e concursos, treinamentos e retiros, reuniões e encontros, celebrações e vigílias, sermões e discursos, catequese e novenas, teatros e dramatizações, músicas e benditos, contos e cantos, gincanas e charadas, luta sindical e organização de greves, construção de capelas e mutirão para construir barracos, crítica ao clero e revisão da própria vida, reunião de política e comício de partido, luta pela terra e defesa do índio, cartas de apoio e manifestos contra as injustiças, procissão da padroeira e passeata para exigir os direitos, luta pela saúde do povo e esforço para voltar aos remédios caseiros, terço de Nossa Senhora e mês de maio, educação em família e educação popular de base, clubes de mães e organizações de bairro, invasão de terra e romarias, luta de operários e piquete nas portas das fábricas, jejum de protesto e resistência contra pistoleiros, manifestações em frente à delegacia de polícia e apoio aos presos políticos, manifestações ecológicas em defesa do meio ambiente e defesa dos direitos humanos etc. Realmente, o povo das comunidades usa a Bíblia para tudo!

A intenção dessa lista tão longa não é enumerar algumas coisas curiosas que o povo anda fazendo com a Bíblia. Queremos chamar a atenção para algo muito importante: **os pobres sabem misturar a Palavra de Deus em todas as coisas de sua vida. E nela encontram a força para caminhar e não desanimar na luta!** É um uso da Bíblia muito semelhante ao da própria Regra de santo Alberto, que soube misturar a Palavra de Deus em tudo e recomenda à família carmelitana: "Que tudo seja feito na Palavra de Deus!" (XIV). Essa forte presença da Bíblia na vida das comunidades revela alguns pontos sobre a *Lectio Divina* que merecem nossa atenção e que vamos ver de perto.

#### 2. LUZ, FORÇA, AUTORIDADE



Na interpretação que os pobres fazem da Bíblia existe uma novidade de grande alcance. Novidade antiga que retoma alguns valores básicos da Tradição.

### **1. A Bíblia como luz que faz enxergar melhor a vida**

O povo está descobrindo que a Palavra de Deus está não só na Bíblia, mas também na vida. "Deus fala hoje, misturado nas coisas!" Descobre que o objetivo principal do uso e da leitura da Bíblia não é interpretá-la, mas interpretar a vida com a ajuda da luz que vem da Bíblia, gerando aos poucos uma atitude contemplativa.

Ao ler a Bíblia, o povo tem nos olhos os problemas da realidade dura e sofrida da vida. A Sagrada Escritura aparece como um espelho daquilo que hoje se vive. O povo descobre que hoje pisamos o mesmo chão de ontem e estabelece, assim, uma ligação profunda entre a Bíblia e a vida. Acontece uma iluminação mútua: a Bíblia esclarece a vida, e a vida esclarece a Bíblia.

A partir da ligação entre Bíblia e vida, os pobres fazem a maior descoberta de todas: "Se Deus esteve com aquele povo no passado, então Ele está também conosco. Se escutou seu clamor, escuta também o nosso! Se os libertou, está também conosco na luta que fazemos para nos libertar!" Aqui está a raiz da teologia da libertação.

O povo começa a imitar Jesus e os profetas. Cria consciência crítica e descobre as falhas que existem na sociedade, na Igreja, na vida da comunidade e em sua vida pessoal e familiar. Descobre sua missão. Surge a profecia com coragem de denunciar. Muitos entram no movimento popular, no sindicato ou na política por causa da consciência nova que neles brota a partir da leitura comunitária da Bíblia. Descubram a dimensão profética da contemplação!

### **2. A Bíblia como força que faz agir melhor**

Difícilmente o povo das comunidades faz reunião de Bíblia sem oração ou canto. Eles sabem e sentem que, sem a ajuda do Espírito e sem o ambiente comunitário de fé, não é possível descobrir o sentido que o texto tem para nós hoje. O "sentido" da Bíblia não é só uma mensagem que se capta com a razão, é também um "sentir", uma consolação, uma força, um conforto "sentido" com o coração.

A Bíblia entra na vida do povo como uma Boa Notícia que atrai os pobres e lhes revela a presença libertadora de Deus. A Palavra de Deus, que antes ficava longe, agora chegou perto! E junto com a Palavra de Deus é o próprio Deus que chega! O Deus Libertador! Nasce uma nova força: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" Essa convicção de fé é fonte de coragem para muitos e os sustenta na luta! É como um novo começo de vida. Uma ressurreição!

Os próprios pobres se encarregam de divulgar a Boa Notícia, pois ela os confirma na caminhada e alimenta-lhes a esperança. Por isso, a procura da Bíblia é tão grande. Milhões de exemplares em poucos anos em toda a América Latina! O que era misterioso e inacessível começou a fazer parte do cotidiano dos pobres.



### **3. A Bíblia como autoridade que faz decidir melhor**

A Bíblia já não é vista pelo povo como um livro estranho que pertence só ao clero, mas como nosso livro, "escrito para nós que tocamos o fim dos tempos" (ICor 10,11). Como um livro que traz um recado de Deus! A Bíblia é aceita como Palavra de Deus, por isso é um livro que tem autoridade. Essa autoridade, porém, não vem por meio de uma imposição de fora, mas por uma experiência pessoal e comunitária da fé.

A Bíblia não só é luz que faz enxergar. E também força e autoridade para levar as pessoas a tomar decisões na vida. Quando alguém consegue demonstrar que aquilo que diz está na Bíblia, a conversa está encerrada. Todos aceitam. A fé de que a Bíblia é Palavra de Deus é anterior a todo trabalho que fazemos. Se não existisse essa fé, nosso método de trabalho teria de ser totalmente diferente.

### **3. O MÉTODO DOS POBRES**

Na leitura dos pobres, apesar das diferenças próprias de cada país ou região, existe um método cujas características básicas são comuns a todos e do qual podemos aprender. Um método é muito mais que algumas técnicas e dinâmicas. É uma atitude que se toma diante da Bíblia e da própria vida. O método dos pobres é muito simples, caracterizando-se por estes três critérios:

1. Os pobres levam consigo, para dentro da Bíblia, os problemas de sua vida. Lêem a Bíblia a partir de sua luta e de sua realidade.
2. A leitura é feita em comunidade. É, antes de tudo, uma leitura comunitária, uma prática orante, um ato de fé.
3. Fazem uma leitura obediente: respeitam o texto e se colocam à escuta do que Deus tem a dizer, dispostos a mudar se Ele o exigir.

Esses três aspectos (texto, comunidade, realidade) são como três objetivos da mesma atitude interpretativa diante da Bíblia. Entre os três existe uma dinâmica interna que marca a história do processo da interpretação popular dos últimos anos. Tudo começou, anos atrás, com a vontade de conhecer o texto da Bíblia. Essa vontade levou a conviver em comunidade. Conviver em comunidade levou a olhar a realidade e a querer servir ao povo. Servir ao povo, por sua vez, está levando muitos a desejar um conhecimento mais aprofundado do contexto de origem da Bíblia. E assim por diante. Trata-se de uma dinâmica que nunca termina. Esses três aspectos nascem um do outro, se supõem e levam um ao outro. Não importa, portanto, a partir de qual dos três aspectos se inicia o processo de interpretação. Isso depende da situação, da história, da cultura e dos interesses da comunidade ou do grupo. O que importa é perceber que um aspecto fica incompleto sem os outros dois.



Geralmente, em todas as comunidades há pessoas que se identificam com um dos três aspectos: 1) as que querem conhecer a Bíblia e se interessam mais pelo estudo; 2) as que insistem mais na comunidade e suas funções internas; 3) as que se preocupam em servir ao povo e em dar sua contribuição na política e nos movimentos populares. Tudo isso produz tensões saudáveis e fecundas. Por exemplo, em alguns lugares, a prática política mais intensa dos últimos anos está pedindo um conhecimento mais aprofundado do texto bíblico e uma vivência comunitária da espiritualidade da libertação mais intensa. Em outros lugares, a vivência comunitária chegou a seu limite e reclamou uma ação mais engajada nos movimentos populares. Em outras palavras, as tensões ajudam a criar um equilíbrio que favorece a interpretação da Bíblia e impede que ela se torne unilateral.

#### **4. PERIGO DE FECHAMENTO**

As tensões também podem encerrar um risco e levar a um fechamento que absolutiza um dos três critérios, excluindo os outros dois. Por isso, o itinerário da interpretação popular, muitas vezes, é tenso e conflitivo, com risco de retrocesso. Alguns membros da comunidade, por fidelidade à palavra, querem avançar e dar um passo adiante. Outros, em nome dessa mesma fidelidade, recusam a abertura. É o momento da crise e também da graça. Nem sempre vence o grupo que quer avançar.

##### **1. Fechamento em torno do estudo da letra**

Todos os movimentos pastorais usam a Bíblia e nela se apoiam. Em nome da Bíblia, os fundamentalistas recusam a interpretação e a abertura para a realidade. Em alguns lugares, os grupos bíblicos que se fecharam em torno de si mesmos e em torno da letra da Bíblia tornaram-se os grupos mais conservadores da paróquia. O próprio exegeta pode correr o perigo de fechar-se no estudo liberal e até progressista do texto bíblico.

##### **2. Fechamento em torno do comunitário**

Muitos movimentos se fecham no comunitário, no místico, e recusam a abertura para a realidade e para o político. Eles se abrem para o serviço aos pobres (e muito), mas não numa linha de transformação e de libertação.

##### **3. Fechamento em torno do social e do político**

Existe o fechamento do lado oposto, embora com menos frequência. A comunidade alcança um grau de serviço mais comprometido e de consciência mais clara. Percebe como o comunitário, o pessoal e o devocional podem ser manipulados com relativa facilidade pela ideologia dominante, e conclui que essas



coisas não contribuem para a transformação. Por isso, ela corre o perigo de fechar-se no social e no político.

Embora compreensíveis, fechamentos assim são trágicos, pois nenhum dos três alcança sentido sozinho. Para superar esse perigo, é importante manter um ambiente de diálogo, pois onde a palavra humana circula com liberdade e sem censura, a Palavra de Deus tem espaço apropriado para poder gerar liberdade.

## 5. NOVIDADE E ALCANCE DA LEITURA POPULAR DA BÍBLIA

Seguem aqui alguns pontos que, de uma maneira ou de outra, procuram sinalizar e resumir a novidade da interpretação popular e seu alcance para uma prática mais fiel e aprofundada da *Lectio Divina*:

**1. O objetivo** da leitura da Bíblia não é buscar informações sobre o passado, mas clarear o presente com a luz da presença do Deus-conosco, Deus Libertador. É interpretar a vida com a ajuda da Bíblia. Olhando pela janela da Sagrada Escritura, os pobres descobriram nela um espelho da vida!

**2. O sujeito** da interpretação não é o exegeta. Interpretar é uma atividade comunitária em que todos participam, cada um a seu modo e conforme sua capacidade, inclusive o exegeta e o clero. A interpretação não é uma atividade apenas intelectual, mas um processo de envolvimento e participação da comunidade: trabalho e estudo de grupo, leituras pessoais e comunitárias, teatro, canto e música, celebrações, orações, recreios etc. Por isso, é importante ter nos olhos não só a fé da comunidade, mas também fazer parte efetiva de uma comunidade viva e buscar o sentido comum aceito por ela, o *sensus ecclesiae*.

**3. O lugar social** de onde se faz a leitura ou interpretação é a partir dos pobres e dos marginalizados. Isso modifica o olhar. Muitas vezes, por falta de uma consciência social mais crítica, o intérprete é vítima de preconceitos ideológicos e, sem se dar conta, usa a Bíblia para legitimar o sistema de opressão que desumaniza. Os primeiros carmelitas liam a Bíblia a partir dos "menores".

**4. Leitura libertadora e ecumênica.** Leitura ecumênica não quer dizer uma leitura em que católicos e protestantes discutem suas divergências para chegar a uma conclusão comum. Isso pode e deve ser uma consequência. O mais ecumênico que temos é a vida que Deus nos deu. Em muitos lugares, essa vida corre perigo, pois já não é vida, seja pelo excesso de consumismo e secularização, seja pelo excesso de opressão e exploração. Leitura ecumênica é interpretar a Bíblia em defesa da vida e não em defesa de nossas instituições e confissões religiosas. Ora, na atual situação em que vivem os pobres na América Latina, uma leitura em defesa da vida necessariamente deve ser libertadora.

Desse modo, aparecem com maior clareza a função e os limites da Bíblia. A Bíblia não é fim em si mesma, mas está a serviço da interpretação da vida. Sozinha



**COMUNIDADE CARMELITANA – COMISSARIADO DO PARANÁ**  
[www.freiscarmelitas.com.br](http://www.freiscarmelitas.com.br)

ela não funciona, nem consegue abrir os olhos, pois o que os abre é a partilha do pão, o gesto comunitário (Lc 24,13-35). A Bíblia deve ser interpretada num processo mais amplo, que leva em conta a comunidade e a realidade. Ela é como o coração: fora do corpo da comunidade e da vida do povo morre e faz morrer!

Era isso que na leitura popular me parecia existir como apelo para nós, religiosos e religiosas carmelitas. Há uma semelhança muito grande entre a atitude interpretativa que transparece na Regra do Carmo e a atitude interpretativa que transparece na leitura popular da Bíblia, praticada nas comunidades eclesiais de base da América Latina.